
**"RUPTURA DO INVISÍVEL": A ARTE DE SÉRGIO ADRIANO H E SUAS
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE RACIAL**

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.56-66>

*Orlando Afonso Camutue Gunlanda¹
Andréa Vieira Zanella²*

RESUMO: Este artigo analisa a intervenção artística “Ruptura do Invisível”, fotoperformance do artista Sérgio Adriano H realizada em espaço urbano. É nosso objetivo compreender a potência dessa obra para o tensionamento das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. As discussões são realizadas em diálogo com as contribuições de Nicolas Bourriaud, Mikhail Bakhtin, Achille Mbembe entre outros autores. Como resultados, vimos que a obra investe na produção de aproximações e vivências coletivas que problematizam o racismo nos contextos urbanos. Configura-se assim como dispositivo que, ao provocar afecções em pessoas que com a obra de arte se relacionam, contribui para visibilizar e tensionar os regimes que sustentam as desigualdades étnico-raciais na sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Arte. Fotoperformance. Racismo. Política. Sérgio Adriano H.

**"RUPTURE OF THE INVISIBLE": THE ART OF SÉRGIO ADRIANO H AND HIS
CONTRIBUTIONS TO THE RACIAL DEBATE**

ABSTRACT: This article analyzes the artistic intervention “Ruptura do Invisível”, a photoperformance by the artist Sérgio Adriano H, carried out in an urban space. It is our objective to understand the power of this work for tensioning ethnic-racial relations in Brazilian society. Discussions are carried out in dialogue with the contributions of Nicolas Bourriaud, Mikhail Bakhtin, Achille Mbembe, among other authors. As a result, we saw that the work invests in the production of approaches and collective experiences that problematize racism in urban contexts. It thus configures itself as a device that, by provoking affections in people who are related to the work of art, contributes to making visible and tensioning the regimes that sustain ethnic-racial inequalities in Brazilian society.

Keywords: Art. Photoperformance. Racism. Policy. Sergio Adriano H.

¹ Doutorando em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5818559221875943> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1680-1294> E-mail: gulondapsi@gmail.com

² Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC. Professora aposentada da mesma instituição, bolsista em produtividade do CNPq. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2409769589523805> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8949-0605> E-mail: avzanella@gmail.com

"RUPTURA DE LO INVISIBLE": EL ARTE DE SÉRGIO ADRIANO H Y SUS APORTES AL DEBATE RACIAL

RESUMEN: Este artículo analiza la intervención artística “Ruptura do Invisível”, una fotoperformance del artista Sérgio Adriano H, realizada en un espacio urbano. Es nuestro objetivo comprender el poder de este trabajo para tensar las relaciones étnico-raciales en la sociedad brasileña. Las discusiones se realizan en diálogo con las contribuciones de Nicolas Bourriaud, Mikhail Bakhtin, Achille Mbembe, entre otros autores. Como resultado, vimos que el trabajo invierte en la producción de enfoques y experiencias colectivas que problematizan el racismo en contextos urbanos. Se configura así como un dispositivo que, al provocar afectos en las personas que están relacionadas con la obra de arte, contribuye a visibilizar y tensionar los regímenes que sostienen las desigualdades étnico-raciales en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Arte. Fotorendimiento. Racismo. Política. Sergio Adriano H.

Introdução

Este artigo analisa a intervenção artística “Ruptura do Invisível”, fotoperformance do artista visual e *performer* Sérgio Adriano H, com o objetivo de compreender sua potência para o tensionamento das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. O encontro do primeiro autor com a obra, na condição de homem negro assim como o artista, mobilizou algumas questões: o que provocam intervenções artísticas nos espaços públicos de uma cidade? Como uma fotoperformance pode interpelar o cotidiano ordinário da urbe? Buscamos contribuir para a produção de respostas a essas questões ao longo deste artigo, compreendendo, em uma perspectiva bakhtiniana (FARACO, 2003; BUBNOVA; BARONAS; TONELLI, 2011; BAKHTIN, 2013; MACHADO; ZANELLA, 2019), que toda resposta se configura como uma possibilidade entre outras e se insere numa cadeia discursiva: é abertura para contrapalavras, para a continuidade da complexa discussão, no caso deste artigo, sobre as temáticas arte, cidade e política.

O principal foco de análise são as relações étnico-raciais e o modo como a obra “Ruptura do Invisível” contribui para tensionar sentidos historicamente produzidos sobre o corpo negro e o corpo branco na sociedade brasileira. Imagens da obra produzidas no local da exposição constituíram-se como foco de análise, as quais se somaram às informações apresentadas pelo próprio artista em conversa informal, durante a fotoperformance.

Nicolas Bourriaud (2009) enfatiza a potência que obras de arte têm na mediação de vivências estéticas e suas implicações nas reflexões sobre os modos de vida, especialmente os produzidos nas sociedades modernas e capitalistas. Mikhail Bakhtin (2013), por sua vez, compreende a obra de arte como uma produção dialógica que participa de uma trama histórica constituída por diversas relações. Consideramos, para a análise de “Ruptura do Invisível”, as perspectivas desses autores em diálogo com pesquisas que discutem o modo como intervenções artísticas têm participado dos debates sociais e seus possíveis efeitos nos processos de subjetivação. A partir desses referenciais, entendemos que toda produção artística que objetiva a desestabilização dos regimes de desigualdades sociais, econômicas e étnico-raciais é importante parceira no enfrentamento das racionalidades que produzem aviltamento de certas vidas e violências contra certos corpos, viabilizando práticas necropolíticas.

Achille Mbembe (2016) compreende que o racismo, enquanto uma política de separação e classificação dos corpos, constitui-se como necropolítica, uma política de morte, uma espécie de “tecnologia” que viabiliza o exercício do poder sobre os corpos. Nesse sentido, na equação econômica do biopoder, o racismo tem como principal objetivo regular “a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2016, p. 128). Portanto, o racismo se apresenta como uma negação do outro, da diferença. Ou seja, a percepção da existência do outro como “uma ameaça

mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minha vida e segurança, é um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade” (MBEMBE, 2016, p. 129). Vejamos de que modo essas questões se apresentam e nos interpelam em “Ruptura do Invisível”.

Sobre arte e fotomontagem: breves considerações

Uma das características da arte contemporânea é, segundo Bourriaud (2009), o seu distanciamento de uma noção estética baseada nos critérios de beleza, simetria e responsividade aos sistemas canônicos da arte. Trata-se de produção que se localiza, em um outro espectro, assumindo noções interativas, de convivência e relacionais como paradigmas necessários à composição da obra de arte.

É possível compreender, com Bourriaud e outros autores (BOURRIAUD, 2009; ALBUQUERQUE, 2015; CEVALES, 2017), a arte como possibilidade de compreender e intervir nas separações e hierarquias verificadas nos modos de constituição/organização das sociedades modernas, constituídas por políticas de governabilidade que demarcam os limites das relações entre classes, gêneros, raça/etnia e outras várias categorias. É nesse contexto de separações, divisões e hierarquizações, herança de uma lógica moderno-racionalista-positivista e de uma organização social baseada na competição e domínio de uns sobre outros, que se produzem tecnologias cada vez mais potentes para “controlar” e “racionalizar” a vida nos contextos urbanos, reduzindo os encontros coletivos, as conexões intersubjetivas que possibilitam pensar/articular e construir, conjuntamente, outros modos de vida para além daqueles agenciados pelas linhas duras e inflexíveis que normatizam as relações sociais. Oblitera-se assim deslocamentos e deslizamentos necessários para a produção de novas conexões de vida (ROMAGNOLI, 2009; HISSA; NOGUEIRA, 2013).

Em contrapartida, uma obra de arte consonante com os pressupostos da estética relacional, na perspectiva de Bourriaud (2009), propõe criar conexões, fazer ligamentos que potencializam uma leitura de vida menos fragmentada e mais consciente das relações entre os diferentes elementos que a compõem. É por essa tomada de consciência crítica que se criam novas possibilidades de pensar e repensar os atuais processos de ordenamento das relações sociais, como por exemplo, as lógicas hegemônicas que organizam e agenciam a vida nos espaços urbanos.

Nesse sentido, a arte contemporânea desenvolve um projeto político na medida em que objetiva problematizar a esfera das relações. É precisamente nesse aspecto que reside a característica principal da produção artística: “a arte não transcende as preocupações do cotidiano, ela nos põe diante da realidade através de uma relação singular com o mundo” (BOURRIAUD, 2009, p. 81). Por conseguinte, o fundamental na prática artística

residiria na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito (BOURRIAUD, 2009, p. 30).

Estudos fundamentados nos pressupostos estéticos do Círculo de Bakhtin, tais como os de Bubnova, Baronas e Tonelli (2011); Borges, Araújo e Amaral (2017), Zanella, Mattos e Assis (2019), Urnau (2021), entre outros, apresentam discussões que se aproximam da estética relacional. Na perspectiva bakhtiniana, compreende-se que a centralidade da pesquisa estética não está no material, no conteúdo ou na forma em si, mas na arquitetônica, ou seja, na estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo (BUBNOVA et al, 2011; BAKHTIN, 2013). Compreende-se, por conseguinte, que o que caracteriza a potência de uma obra de arte é o modo como responde e possibilita interrogações e interações entre diferentes espaços-tempos. A arte, por conseguinte, não encerra sentidos: em sua potência dialógica (BAKHTIN, 2013), apresenta-se como inacabada, produzindo trocas constantes e mobilizando debates infundáveis (MACHADO, 2010).

Diversas produções artísticas, ao longo do século XX, têm possibilitado interrogações sobre temáticas complexas, como o corpo, as relações de gênero, questões étnico-raciais, as normas sociais e os saberes instituídos que normatizam as dinâmicas da vida social. A fotografia, considerada como produção estética, é uma das linguagens artísticas privilegiadas nesse processo (SOULEGES, 2010; RODRIGUES; CRIPPA, 2018; SABIÁ, 2019).

As fotografias constituíram-se também, historicamente, como dispositivos para intervenções ético-políticas nos espaços públicos, objetivando produzir rupturas nos modos tradicionais de pensar/organizar questões da cultura ocidental, tal como afirmam Prada e Ângelo (2008).

A relação da fotografia com a performance vem de longa data. Na medida em que a performance se apresenta como uma experiência artístico-política e, ao mesmo tempo, efêmera dada a sua limitação ao tempo-espaço, fazia-se necessário registrar, produzir imagens que servissem de suporte de memória das performances realizadas (VINHOSA, 2014). Porém, o processo de registrar as performances passou a ser problematizado na medida em que se compreendia que não haveria exatamente uma imparcialidade no ato de fotografar. Cada registro fotográfico não era apenas um processo mecânico de produção de imagens: envolvia questões como a escolha do ângulo, o recorte da cena, a perspectiva de quem maneja a câmera e outros aspectos que sinalizavam o fato de que produzir uma imagem fotográfica não se resumia a um mero registro técnico. Envolvia sensibilidades e gestos que faziam do processo de fotografar uma experiência com potencialidades estéticas.

Com isso, a fotografia passou a ser pensada como registro performático na medida em que ela convoca movimentos diversos, provoca diálogos entre vários tempos, interroga, mobiliza. Ou seja, a fotografia não “congela” uma determinada cena da performance, pelo contrário: possibilita que uma determinada cena permaneça em movimento, sendo lida/vista/problematizada de diferentes maneiras e em diferentes tempos (VINHOSA, 2014). Vejamos o que “Ruptura do Invisível” mobilizou em nós e como a ela respondemos.

Sobre o artista e a obra “Ruptura do Invisível”

Sergio Adriano H é artista visual e *performer*, um homem negro que utiliza a fotografia e o próprio corpo como suporte para a realização de intervenções artísticas. Suas obras se ocupam de temáticas relacionadas às “verdades” que atuam em prol de hierarquizações sustentadas por interesses econômicos, sociais e políticos. O racismo, a desnaturalização do olhar e problematizações sobre os conceitos de verdade e felicidade são evidenciadas em suas obras. De modo geral, as calçadas, as praças públicas, as galerias de arte e as instituições de ensino têm sido os lugares escolhidos pelo artista para performar suas obras.

No ano de 2014 o artista produziu “Visível do Invisível”, projeto aprovado e financiado pelo SIMDEC (Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura) de sua cidade natal, Joinville/SC. A obra foi apresentada inicialmente em cinco escolas públicas de Joinville e, posteriormente, em várias cidades brasileiras. Composta por fotografias de seu rosto pintado ora de branco, ora de preto, com lágrimas escorrendo, a proposta da obra consistia em problematizar as diferentes formas de sofrimento da população negra na história do Brasil.

Como desdobramento desse projeto o artista desenvolveu “Ruptura do Invisível”, proposta agraciada com o Prêmio Edital Elisabete Anderle 2017, da Fundação Catarinense de Cultura. A invisibilidade social da população negra como um dos efeitos do racismo é a principal provocação dessa obra, que resultou, segundo o artista, de um processo de criação em três etapas. Na primeira, Sérgio Adriano H fotografou seu próprio rosto pintado ora de branco, ora de preto. Na segunda, o artista colocou sabão em pó e/ou água sanitária sobre as fotografias produzidas na primeira etapa. E, na terceira etapa, o artista fotografou as imagens resultantes da mistura realizada na segunda etapa. Resultaram desse processo as doze fotografias que compõem a fotoperformance “Ruptura do Invisível”.

Na cidade de Florianópolis, a obra foi apresentada ao público na calçada da Fundação Cultural Badesc (**Figura 1**), em horário comercial, nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2018.



Figura 1: Ruptura do Invisível

Artista: Sérgio Adriano. Título: 12 fotografias da série Ruptura do Invisível. 2017. Fotografia. Dimensão: 80 × 120 cm. Produção da imagem: os pesquisadores.

A realização da fotoperformance na calçada da Fundação Cultural BADESC, instituição reconhecida no circuito de arte catarinense, tinha como objetivo, segundo o artista, produzir deslocamentos dos lugares comuns de apresentação das obras de arte: os museus, centros de arte, galerias privadas e públicas. Com isso, o artista procurava conectar-se com pessoas que costumeiramente não acompanham exposições apresentadas nos lugares consagrados socialmente para as artes, como a própria Fundação Cultural BADESC. A fotoperformance de Sérgio Adriano H objetivava, por conseguinte, colocar em diálogo artista-obra-espectadoras/es em um espaço público aberto, convocando as/os transeuntes a participarem das interrogações que a obra propunha.

A fotoperformance “Rupturas do Invisível” como interstício social



Figura 2: Embranquecimento I

Artista: Sérgio Adriano. Título: Embranquecimento I da série “Ruptura do Invisível”. 2017. Fotografia.
Dimensão: 80 × 120 cm. Produção da imagem: os pesquisadores.

Na **Figura 2** contempla-se um rosto pintado de branco sobreposto com sabão em pó. Aparecem apenas os olhos, o nariz e partes frontais do rosto. Não é possível visualizar outras partes que compõem o rosto humano, tais como a boca, as orelhas, o cabelo, a testa, entre outras. O sabão em pó azul anil assume maior visibilidade e produz uma espécie de sobreposição em relação ao rosto pintado, como uma camada que inviabiliza qualquer possibilidade de afirmar de quem é o rosto ou apontar traços que possibilitem identificar suas singularidades.

Ao ser questionado sobre essa imagem, o artista relatou que ela foi produzida em resposta a uma fala feita por um de seus amigos no ano de 2013. Durante uma conversa entre ambos, o amigo dirigiu-se ao artista e afirmou: “*Você é um preto de alma branca*”. Essa afirmação interpelou-o e vem interpelando várias outras pessoas negras ao longo da história: trata-se de expressão do racismo que edificou a sociedade brasileira e que por muitas décadas foi negado em nome de uma pressuposta democracia racial (SCHWARTZ, 2019).

Sérgio Adriano H encontrou na produção de sua arte a possibilidade de retomar o diálogo estabelecido com seu amigo. Nesse sentido, a obra “Ruptura do Invisível” apresenta-se no presente como resposta a problemas seculares e atuais, como continuação de um debate que tensiona problemáticas históricas da sociedade brasileira. O artista cria, assim, uma “modesta ligação” (BOURRIAUD, 2009) entre tempos e espaços, problematizando os resquícios das imagens constituídas sobre os negros e os brancos na história brasileira.

Afirmar que uma pessoa negra possui uma “alma branca” é servir-se de uma categoria racial, com todos os seus desdobramentos valorativos, para orientar as relações entre pessoas negras e pessoas brancas. Essa fala expressa alguns dos sentidos sociais produzidos pela classificação racial que justifica “as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos”, tal como afirma Schucman (2012, p. 41).

Os trabalhos de Munanga (2004), Schucman (2012; 2014) e Mbembe (2016) sinalizam o fato de que as classificações dos seres humanos pelo critério racial deram suporte para o surgimento daquilo que chamamos de “ideologias racistas”; isto é, a categoria “raça” tornou-se uma das principais formas de

compreensão das produções culturais, superioridade moral, intelectual, política dos povos europeus, ampliando as condições para a escravização, colonização e criação de políticas de existência que valorizam as lógicas de vida do homem branco-europeu.

“Ruptura do Invisível” problematiza essas lógicas e a política de branqueamento racial vigente no cenário brasileiro desde o século XIX. Segundo Schwarcz (1995), acreditava-se que o branqueamento seria um fenômeno de “depuração das raças” e, por conseguinte, um país constituído por pessoas brancas contribuiria para o desenvolvimento econômico, social e político da antiga colônia portuguesa. Essa proposta foi apresentada pelo governo imperial com a crença de que o processo de miscigenação e a natural extinção da população negra no país, mediante o término do tráfico de escravos, possibilitaria que a raça branca, mesmo com os casamentos mistos, predominasse, produzindo um outro “rosto” brasileiro. Portanto, a política do embranquecimento se configurava como uma das formas de produzir o apagamento dos “rostos” pretos, visibilizando os “rostos” brancos.

Assim como o faz em relação ao racismo, a obra “Ruptura do Invisível” questiona as políticas de branqueamento e seus efeitos nas relações sociais, pois para embranquecer é necessário anular certos corpos; é preciso sobrepor o sabão em pó sobre determinados rostos ou mesmo utilizar a água sanitária para limpar aqueles que se apresentam como indecorosos para o projeto de sociedade racista que se pretendia e ainda se pretende, de certo modo, construir.

O sabão em pó se apresenta como um produto corrosivo. Ele possibilita o clareamento daquilo que se quer ver limpo e, para tal, é necessário destruir, fazer desaparecer o que é considerado como “mancha”, como sujeira, o indesejado. Ao apresentar seu rosto embranquecido e semicoberto pelo produto, Sérgio Adriano H tensiona, metaforicamente, a violência da política de embranquecimento e a pretendida “limpeza” étnico-racial da sociedade brasileira, uma das expressões da necropolítica tal como o entende o filósofo camaronês Mbembe (2016).

Recentemente, estudos como os de Gomes e Laborne (2018), Peçanha e Nascimento (2018) e o de Sinhoretto e Moraes (2018), apontaram para o fato de que o genocídio da juventude negra, por exemplo, tem como um dos fatores centrais o racismo institucional ainda presente na forma como o Estado (re)produz as lógicas de policiamento dos corpos negros, um dos desdobramentos do projeto de branqueamento da sociedade brasileira. Na medida em que o Estado adere e produz políticas caracterizadas pelo processo de “extermínio” do corpo negro, institui-se a beligerância como princípio político, propondo que “necessariamente a racionalidade da vida passa pela morte do outro; ou que a soberania consista na vontade e capacidade de matar para possibilitar viver” (MBEMBE, 2016, p. 129).

Segundo dados do Atlas da Violência na cidade do Rio de Janeiro (2017, p. 30), “em cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra”. Além disso, o mesmo documento evidenciou que entre 2005 e 2015 a taxa de homicídios de mulheres brancas teve redução de 7,4%, enquanto a taxa de mortalidade de mulheres negras aumentou 22%. Tais dados apontam para o fato de que as mortes de jovens negros no Brasil, por exemplo, são um dos sintomas mais agudos de uma “patologia social que sangra a dignidade brasileira, o racismo” (GOMES; LABORNE, 2018).

Diante disso, podemos afirmar que as invisibilidades sociais, particularmente aquelas relacionadas à população negra no Brasil, se apresentam como desdobramentos de uma política racista que se materializa na morte dos corpos negros e nas invisibilizações desse grupo étnico-racial na tessitura social. Nesses termos, romper com o invisível é ir além de uma representação negra no espaço social, pelo contrário. É visibilizar a lógica bélica que constitui as políticas de branqueamento da população brasileira e seus efeitos na atualidade das relações sociais.

Vejamos outra imagem que compõe a fotorperformance “Ruptura do Invisível”.



Figura 3: Embranquecimento I

Artista: Sérgio Adriano. Título: Embranquecimento I da série “Ruptura do Invisível”. 2017.
Fotografia. Dimensão: 80 × 120 cm. Crédito da imagem: os pesquisadores.

Nessa terceira Figura, o fundo da fotografia é completamente preto, o rosto expressa uma certa seriedade e/ou tristeza. A imagem pode ser lida em relação à nova coloração que a face adquire. A mistura das cores produziu um rosto que não é nem branco, nem preto apenas. Traços azuis, brancos, amarelos, cor de rosa, em tons de cinza emoldurados pelo preto que contorna a imagem, tensionam a fixação ocidental pela classificação de pessoas, objetos, de tudo o que existe, inclusive das cores.

Entendemos essa imagem como resistência aos processos de uniformização da “cor” dos rostos humanos, pois o processo de branqueamento diz respeito à anulação das singularidades e a homogeneização tanto dos corpos como das cores. Branquear é produzir uma única “cor” das pessoas e suas vivências; é viabilizar projetos de vida que assumem a hierarquização e a desigualdade das relações como condição última para a constituição da vida social. Mas essa mesma imagem que se vê na Figura 3 possibilita a reflexão de que tanto o sabão em pó quanto a água sanitária, nesta fotografia em particular, não conseguiram produzir um rosto com apenas uma cor. Fracassaram em seu projeto.

Embora a intencionalidade da política do branqueamento em solo brasileiro tenha sido produzir uma sociedade com apenas uma cor, o encontro entre as diferentes cores produziu coexistências outras; resultou em uma espécie de composição cuja permanência das diferenças caracteriza a pluralidade do humano. Por conseguinte, a imagem apresenta-se como expressão da ordem do indesejado ou inesperado. As políticas de branqueamento incidem sobre corpos, buscam subjugar-los, exterminá-los, porém esses corpos resistem, apesar de violentados; produzem outras formas de existência, ainda que à margem das lógicas do poder hegemônico.

Assim, “Ruptura do Invisível” articula uma discursividade política que aponta para a possibilidade da coexistência das diferentes cores em uma mesma imagem como metáfora da diversidade étnico-racial e das diversas possibilidades de vida. Com isso, a obra sinaliza uma outra política: a política das várias cores, dos diferentes corpos e das várias formas de produzir a existência.

Propõe-se, dessa maneira, uma política étnico-racial cuja diferença não se torna condição para a produção de tecnologias de morte, pelo contrário. Uma ética viabilizadora de práticas políticas que articulam aproximações e combatam lógicas produtoras de desigualdades; uma política que assume o coletivo como uma imagem de diversas cores, diversos saberes e diversos modos de vida. Sustentar essa imagem social é o desafio ético-político ao qual diferentes saberes, em diálogo com as práticas artísticas contemporâneas, continuamente se ocupam em reafirmar, objetivando a abertura às

diferenças, o acolhimento a novos possíveis, a edificação de modos de vida dignos para todos, todas e todes.

De certo modo, a fotoperformance de Sérgio Adriano H provocou uma interpelação pública, isto é, os/as transeuntes, ao depararem-se com a obra exposta em uma das calçadas da cidade, em alguma medida, foram desafiados a interrogarem-se sobre as questões que a obra propunha. Aqueles que decidiram aproximar-se, participaram do debate proposto pelo artista que ali se encontrava. Na rua, apoiada no muro que separa o espaço expositivo homologado da dinâmica da cidade, “Ruptura do Invisível” convocou os/as espectadores/as para um encontro com a obra, com o artista e com um outro, a fim de produzir reflexões sobre o cotidiano da urbe e as relações étnico-raciais.

Considerações finais

A obra de Sérgio Adriano H nos interpela a problematizar historicamente os modos pelos quais foram constituídas as relações étnico-raciais e, ao mesmo tempo, nos convoca a produzir imagens outras do rosto social brasileiro. Uma imagem cuja água sanitária e o sabão em pó possam servir para “limpar” não os corpos, mas as perspectivas racistas e os seus efeitos na constituição das relações sociais. Nesse sentido, a obra “Ruptura do Invisível” tensiona os sentidos instituídos sobre as cores dos corpos humanos; provoca fissuras nos muros construídos para separar pessoas e produzir classificações valorativas a partir do critério étnico-racial.

“Ruptura do Invisível” se apresenta também como uma interpelação à cotidianidade da cidade, tensionando os regimes de velocidade característicos dos espaços urbanos contemporâneos, que inviabilizam a pausa, a lentidão e o olhar cauteloso dos/as transeuntes. Essa velocidade, em muitos casos, inviabiliza leituras mais detidas sobre as dinâmicas que são produzidas nos espaços urbanos, impossibilitando com que sejam estabelecidas relações entre os diversos processos que compõem a vida da/na urbe. Com isso, criam-se leituras/experiências fragmentadas da realidade e certas fragilidades nos modos de articular/pensar a vida coletiva.

Ao sair do espaço expositivo icônico e ocupar a calçada em frente, a fotoperformance de Sérgio Adriano H nos interpelou e convocou a ver, sentir e pensar sobre uma temática cara a todos nós, o racismo. A obra certamente produziu, com suas camadas sobrepostas e jogo de cores objetivado na composição imagética, ligações entre passado, presente e o futuro, bem como conexões entre arte, cidade e política. Reafirma a potência da cidade como lugar de debate, de interrogações e problematizações dos modos de produzir a vida e as relações sociais, fundamental para a configuração de cenários outros para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Nycolas. Estética relacional e as marcas na superfície: corpo-afeto-cidades-arte-política. *Anais do VIII seminário nacional de pesquisa em arte e cultura visual: arquivos, memórias, afetos*. Goiânia, GO: UFG/Núcleo Editorial FAV, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemáticas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BUBNOVA, Tatiana; BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em BAKHTIN. *Bakhtiniana: Rev. Estud. Discurso*, Dez, vol.6, no.1, p.268-280, 2011.
- CEVALES, Renan Marcondes. Arte, design e estética relacional. *Revista Visuais*, nº 4, v.3, pp. 218-228, 2017.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.34, 2018.
- HISSA, Cássio Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-Corpo. *Rev. UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.54-77, jan./jun., 2013.
- MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: Luciane de Paula; Grenissa Stafuzza (Org). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Vol. 1. Campinas/SP: Mercado das Letras. 203-234, 2010.
- MACHADO, Jardel Pelissari; ZANELLA, Andrea Vieira. Bakhtin, ciências humanas e psicologia: diálogos sobre epistemologia e pesquisa. *Psicol. Soc.* [online]. vol.31, 2019.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, v. 32, p. 123-151, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In A. A. P. Brandão (Org.). *Cadernos Penesb 5*, Niterói: EdUFF, 2004.
- PRADA, Angela; ÂNGELO, Roberto Berton. Cindy Sherman e gênero: formas de olhar. *Caderno Espaço Feminino*, v.20, n.02, Ago./Dez., 2008.
- RODRIGUES, Bruno Cesar; CRIPPA, Giulia. Registro/documento: fotografia na obra de arte contemporânea. *TransInformação*, Campinas, 30(1):15-26, jan./abr, 2018.
- ROGMANOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2): 166-173, 2009.
- SABIÁ, Ana Paula. *O eu e a outra: identidades, surrealismo e articulações feministas na poética de mulheres fotógrafas*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais-CEART-UDESC, Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina, 2019.

SINHORETTO, Jacqueline; MORAIS, Danilo de Souza. Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. *Rev. Estud. Soc.*, nº 64, abril-jun, pp. 15-26, 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. (Tese de Doutorado). Orientadora: Leny Sato. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2012.

_____. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulista. *Psicol. Soc.*, 26(1), 86-94, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. M. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil*, 1ª reimpressão, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995.

SOULAGES, François. *Estética da Fotografia: perda e permanência*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

TEIXEIRA, Fábrika Teixeira; ARAÚJO, Patrício Câmara; AMARAL, Letícia de Castro. Identidade na narrativa: a constituição identitária e estética da professora na interação com o aluno. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Vol. 32 n. esp., pp. 1-9, 2016.

URNAU, Lílian Caroline. A arte de com o outro resistir/existir nas ruas: políticas coletivas amazônicas. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 33, 2021.

VINHOSA, Luciano. Fotoperformance: passos titubeantes de uma linguagem em emancipação. 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos” 15 a 19 de setembro de 2014 – Belo Horizonte – MG, 2014.

ZANELLA, Andrea Vieira; MATTOS, Laura Kemps; ASSIS, Neiva de. Crianças cegas e seus encontros com a cidade: paisagem sonora e educação musical em foco. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 39, n. 107, p. 87-98, jan.-abr., 2019.

Notas

1. O artista possui graduação em Artes Visuais pela Universidade da Região de Joinville/SC (UNIVILLE) e mestrado em Filosofia pelo Mosteiro de São Bento/SP. Compõe a lista dos artistas cuja biografia foi registrada no livro “Construtores das Artes Visuais – 30 Artistas de Santa Catarina em 160 Anos de Expressão”, organizado por Tarcísio Mattos (2005). Participou de mais de 80 exposições individuais, coletivas e salões. Acumula várias premiações incluindo: Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – 2014 e 2017, 10º Salão Nacional Elke Hering – Blumenau/SC 2012 e o 10º Salão Nacional de Arte – Itajaí/SC 2005. Atualmente é representado pela Galeria Choque Cultural.